

**O (NÃO TÃO BRANCO) MUNDO DO TRABALHO DO SETOR  
CELULÓSICO-PAPELEIRO: METAMORFOSES INDUSTRIAIS EM  
TRÊS LAGOAS-MS<sup>1</sup>**

**LO (NO TAN BLANCO) MUNDO DEL TRABAJO DE LO SECTOR DE  
CELULOSA Y PAPEL: METAMORFOSES INDUSTRIALES EM TRÊS-  
LAGOAS-MS**

**Júlio César Ribeiro<sup>2</sup>**

*jcezarr@hotmail.com*

**RESUMO**

A condensação industrial em Três Lagoas tem mudado a geografia da região, atraindo uma grande massa de trabalhadores volantes. Inicia-se uma nova re-hierarquização funcional, nucleada especialmente pelo setor de celulose-papel, capitaneada pela Fibria e Eldorado que, juntas, desbancando a pecuária, emplacarão a maior mancha territorial contínua de floresta plantada, próxima da unidade de processamento industrial. O transe segue, destarte, pela vereda ambiental e atinge o mundo do trabalho. Apesar de temporária, a massa de trabalhadores migrantes chama a atenção dos sindicatos, que além de digladiarem com as empresas pela melhora do nível de vida e das condições de trabalho dos afiliados, rivalizam cada vez mais entre si, de forma a disputar notoriedade e dividendos. Intimidações e relatos de atentados ganham as páginas policiais. O gerenciamento do Estado aos projetos do grande capital e a sua ingerência nas áreas trabalhista e ambiental pode agudizar uma situação já tensa e caótica.

**PALAVRAS-CHAVE:** impactos socioambientais, silvicultura, indústrias de celulose e papel, mundo do trabalho, sindicato.

**RESUMEN**

La condensación industrial en Três Lagoas ha cambiado la geografía de la región, atrayendo una gran masa de trabajadores volantes. Se inicia una nueva re-jerarquización funcional, nucleada especialmente por el sector de celulosa y papel, capitaneada por la Fibria y Eldorado que, juntas, desbancando la pecuaria, empacarán la mayor mancha territorial continua de floresta plantada, próxima de la unidad de procesamiento industrial. El transe sigue, así, por la vereda ambiental y alcanza el mundo del trabajo. A pesar de temporaria, la masa de trabajadores migrantes llama la atención de los sindicatos, que además de pelear con las empresas por la mejora del nivel de vida y de las condiciones del trabajo de los afiliados, rivalizan cada vez más entre sí, de modo a disputar notoriedad y dividendos. El gerenciamento del Estado a los proyectos del grande capital y su injerencia en el área laboral y ambiental puede agudizar una situación ya tensa y caótica.

**PALABRAS CLAVE:** impactos socio-ambientales, silvicultura, industrias de celulosa y papel, mundo del trabajo, sindicato.

---

<sup>1</sup> O texto integrou a pesquisa “A formação do vale da celulose: desdobramentos socioterritoriais do plantio de eucalipto na região leste de Mato Grosso do Sul”, coordenado pela Prof. Dra. Rosemeire A. de Almeida e apoiada pelo CNPQ (2010-2012).

<sup>2</sup> Prof. Dr. de Geografia na UFMS/Três Lagoas. Membro do CEGeT/UNESP e do CEReS/UFMS.

## Introdução

Em menos de uma década o município de Três Lagoas tem experienciando transformações substanciais, fruto do salto provocado pela industrialização que mexe profundamente com a hierarquia dos lugares e o trançado das redes, afetando os fluxos migratórios e o mundo do trabalho em diferentes escalas.

Cerne de uma região outrora arrumada pela pecuária, há algum tempo as propriedades vem sendo destinadas à silvicultura dinamizada pelo complexo celulósico-papeleiro, sobretudo após a instalação das gigantes globais Fibria e Eldorado Brasil – a primeira com a construção iniciada em 2006 e, a segunda, em 2010.

Atualmente, são mais de 3 mil as empresas instaladas no município, sendo que 54 são de médio e grande portes (TRÊS LAGOAS JÁ, 13/12/2012). No que concerne às indústrias, são da ordem de 60 as unidades já implantadas e sob expansão; dentre elas estão a maior fábrica brasileira de refrigerados, a que produz cabos de fibras óticas, as de couro, calçados, têxtil e confecção, bebidas, alimentos, uma unidade de fertilizantes nitrogenados (a UFN III, da Petrobrás, que será a maior da América Latina), outra de biocombustíveis (Cargill) e uma siderurgia (Sitre) (ibidem; PERPETUA; THOMAZ JÚNIOR, 2012).

Mais do que riqueza, tratam-se de “indústrias de fazer pobreza” (SANTOS; RIBEIRO, 2012).

Como que por elevador, as principais delas levaram o município a alcançar o terraço global da commodity de fibra curta branqueada, auferindo em curto tempo a alcunha de “capital mundial da celulose”, nestas que se tornam as entranhas do novo “vale da celulose”.

Somando-se os aportes financeiros – que abarcam, além de fábricas de celulose-papel, siderurgia, fertilizantes e biocombustíveis –, são mais de 12 os bilhões de reais investidos no município, oriundos de fundos públicos e privados<sup>3</sup>.

Inumeráveis fatores cooperaram à escolha da região à prática da silvicultura. Dentre elas: a existência de infraestrutura multimodal (ferrovia<sup>4</sup>, rodovia<sup>5</sup>, dutovia<sup>6</sup>, hidrovía<sup>7</sup> e aerovia<sup>8</sup>);

---

<sup>3</sup> A bem da verdade, para além da ideologia socialdemocrata da conciliação interclassista rumo ao pseudoprogresso pós-classista, as Parcerias Público Privadas (PPP) são financiadas, especialmente, com recursos públicos (do povo, isto é, dos trabalhadores).

<sup>4</sup> A antiga Ferrovia Noroeste do Brasil (NOB), controlada hoje pela América Latina Logística (ALL).

<sup>5</sup> Destaque para as BRs 158 e 262 – a última rumando ao porto de Santos, com pista dupla no Estado paulista.

<sup>6</sup> Referente ao gasoduto Brasil-Bolívia (GASBOL).

<sup>7</sup> Por compor a hidrovía Tietê-Paraná, é aventada a construção de um porto seco no município, o primeiro do Estado, para facilitar a importação e exportação de produtos. Registremos que os portos mais próximos estão em Bauru e São José do Rio Preto/SP (TRÊS LAGOAS JÁ, 13/12/2012).

<sup>8</sup> O aeroporto passa por modernização, para ampliar infraestruturas e diversificar rotas.

fatura de terra<sup>9</sup>, água<sup>10</sup> e energia<sup>11</sup>; subsídio financeiro<sup>12</sup>, isenção fiscal<sup>13</sup>; doação de terrenos; desregulamentação ambiental; mão de obra barata, comparada com a do Sudeste; concatenação governamental (das esferas federal, estadual e municipal); sindicatos despojados de cultura combativa, num contexto passivista e neoliberal.

O remanejamento material foi comboiado pelo ideológico, podendo-se notar uma indisfarçada ridicularização da cidade pretérita, propalada como um local povoado por carroças nas adjacências da área central. Tudo para corroborar o ideário de que pairava uma inércia econômica rompida exatamente pela modernidade do caçula e pujante vetor silvicultor (SPOTORNO, 2010). Obviamente que a nota não corresponde à realidade, entretecendo-se como ardid que toma a exceção por regra para generalizar o particular que convém propalar.

A “ex-capital do gado”<sup>14</sup> metamorfoseava-se aos poucos em “rainha” ou “capital mundial de celulose”. E as consequências imediatas disso é que as fazendas passam a ser arrendadas a plantadores de “florestas antropizadas”<sup>15</sup>.

O já ralo e gasto verde dos pastos<sup>16</sup> vai então ser substituído por florestas estéreis, de um verde uniforme e literalmente sem vida, para produzir a commodity hoje demandada preferencialmente pela China.

A re-hierarquização da região, com a refuncionalização das atividades econômicas, assiste à maquilagem desta “cara geográfica”.

Mas a cara tem sujeito e o sujeito não é a planta. Menos que uma “eucaliptização da região” – como tantos têm reportado, por tropeço no positivismo –, presenciamos a *regionalização dos agentes eucaliptizadores*. Marcha a refuncionalização de recursos, pessoas, terras e propriedades.

Precisamos, afinal, dar nome aos (donos dos) “bois”, isto é, aos *regentes* da silvicultura.

<sup>9</sup> Abundância para uns, privação para outros. Uma aproximação sobre a relação da expansão do eucalipto com a concentração fundiária, com uma branda – e, a nosso ver, talvez por isso, pouco perturbadora – progressão dos minifúndios, é notada por Kudlavicz (2011).

<sup>10</sup> A região é tanto servida por águas superficiais (Bacia Platina), quanto por aquíferos subterrâneos (Guarani, entre eles).

<sup>11</sup> O município integra o Complexo Urubupungá, com a Usina Hidrelétrica Eng. Souza Dias (Jupiá), e dispõe de uma Termoelétrica da Petrobrás (UTP – Luís Carlos Prestes); além disso, a Eldorado comunica autoabastecer-se de energia e comercializar o excedente.

<sup>12</sup> A juros irrisórios e via Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

<sup>13</sup> A isenção chega a 90% do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), durante 15 anos (MARCONDES, 2010). Na fase de instalação da empresa, também há isenção de Imposto Sobre Serviço de Qualquer Natureza (ISSQN ou ISS) (CONCEIÇÃO, 2012).

<sup>14</sup> O município detinha um dos maiores rebanhos do país nos anos 1990, com 1 milhão de cabeças de gado (ARAGÃO, 2012).

<sup>15</sup> A noção de “floresta antropizada”, classista, plantada para a burguesia, anela fecundar o debate sobre a temática, com vistas a perseguir um conceito ainda fugidio, não contemplado pela concepção de “deserto verde”, entoada pelos movimentos sociais.

<sup>16</sup> A feira de exposição (Expotrês) registra a mudança: proliferam os espaços reservados à silvicultura, decrescem os de artigos pecuários (NAVARRO, 2011). Veremos até quando as cavalgadas continuarão a atrair a população, se já perdem público (GIMENES, 8/12/2012).

Com a bandeirada dada pelo Estado nos diversos níveis escalares e sem a contrapartida de substanciais forças opositoras<sup>17</sup>, o exército dos eucaliptais avança no horizonte, fazendo parte do visual paisagístico citadino.

Não faremos mais que uma aproximação ao evento, verticalizando sobre algumas das contrafações carreadas ao mundo do trabalho recém-inaugurado, bem como sobre a organização trabalhista e as disputas de poder internamente aos sindicatos, tomando particularmente por foco os trabalhadores das indústrias de construção civil leve e pesada<sup>18</sup>, que põem a mão na massa para neste rincão alojar os titãs globais do setor de papel-celulose e outros mais que afluem à região, materializando uma forma bem peculiar de migração bifurcada.

### **Concentrando riqueza e socializando mazelas**

A euforia é enorme quando se trata de apontar dados estatísticos sobre o crescimento econômico vertiginoso experienciado por Três Lagoas, como se fosse ela uma cidade chinesa fora da China<sup>19</sup>.

Apesar de não ser encontrado no município nenhum registro de concentração geográfica de pobreza crônica, com formação de bolsões de miséria, não fica difícil notar, pouco cursando a cidade, que o espantoso crescimento do bolo do PIB não tem sido acompanhado por uma proporcional distribuição socioeconômica, tão menos de um apropriado planejamento urbanístico.

Lembremos que a instalação das corporações, aliada a intervenções municipal e estadual, atrai o interesse de inúmeras outras companhias, em especial pela poupança relativa auferida com a escolha do Estado, menos oneroso e pouco distante da metrópole paulistana e do Sudeste, principal centro consumidor do país.

Da junção dos ingredientes redonda o aquecimento especulatório do mercado imobiliário e o habitar em espaços minúsculos, pelo encarecimento inusitado do metro quadrado três-lagoense e pela incapacidade de incremento da infraestrutura habitacional (SANTOS; RIBEIRO, 2012).

---

<sup>17</sup> Não obstante o crescimento das ações e conquistas dos destituídos de terras sul-mato-grossenses, a hegemonia do capital permanece quase que irretocada. O comprova a postura naziterritorial, encabeçada pelos fazendeiros de Dourados, para com os índios aldeados.

<sup>18</sup> Além destes trabalhadores migrantes ou “peões do trecho” ocupados com a construção/montagem das plantas fabris, faremos pontuações aos trabalhadores do plantio e manejo dos eucaliptais, como os da planta fabril.

<sup>19</sup> O PIB de 2004 foi de R\$ 998 mi. Em 2008 foi de R\$ 1,5 bi. 2009: R\$ 2 bi. Uma pesquisa realizada pela FIEMS (Federação das Indústrias/MS) aduz que em 2015 o PIB industrial local ultrapassará o da capital e que em 2020 será o dobro do segundo colocado no Estado (FERREIRA, 2011).

Andam despedaçados o mundo do *trabalho* e a planta do *habitat* nesta hegemônica urbanidade<sup>20</sup>.

Ninguém duvida que a materialização geográfica do dinheiro seja desigual e combinada e que o seu valor de troca varia conforme o quadrante espaço-temporal. Podemos, devido a isso e com um pouco de ousadia – pela carência de comprovações estatísticas –, aferir que apesar de a média salarial regional, segundo os representantes sindicais, ser ligeiramente elevada à praticada em âmbito nacional, o ganho final individual do trabalhador é comprometido pelo custo de vida local<sup>21</sup>, que não para de subir, a despeito do (precário e inconstante) ofertamento de “benefícios” sociais (alimentação, moradia, transporte, etc.).

No quesito ambiental, não é preciso números. Desde os primeiros movimentos das indústrias de celulose-papel, os vazamentos químicos na atmosfera cuidavam de ventanejar os (des)caminhos na ambiência<sup>22</sup>, inclusive com o despejar proposital de resíduos químicos em aterros irregulares.

Após as improvisadas críticas exibidas pela mídia, logo fugiam do noticiário. As ideologias da sustentabilidade ambiental e do progresso econômico, aliadas à vanguarda política autóctone que disputou e ganhou das demais unidades federativas a primazia da alocação das empresas, não perdoa a radicais opositores e tampouco a incisivas depreciações.

Assim, as frases vazias dos vagões verdes<sup>23</sup> que transportam a mercadoria arrebatada também a mentalidade das pessoas, veiculando em seu interior o senso-comum que ruma ao desembarque final do lucro (Os nazistas ensinaram que a retificação da mentira faz dela uma incontestada verdade... Basta falar sobre sustentabilidade<sup>24</sup>, pois a fala é a prática ideológica do convencimento em ação).

Os lados da moeda capitalista aí estão, com a concentração da riqueza passando ao largo da redivisão social, com modificação da flora e reacomodação da fauna no habitat urbano revelando os primeiros sinais negativos de uma gama de impactos socioambientais que inevitavelmente explodirão (mudança do ciclo hidrológico regional, com riscos de alteração na quantidade e qualidade das águas superficiais, extinção de cabeceiras fluviais, desgaste de solos

---

<sup>20</sup> Aludimos ao mundo do trabalho abstrato e à planta fria do *habitat*, qualitativamente inferior ao *habitar*, de que versa Lefebvre (2002, p. 80-82).

<sup>21</sup> Há que ser quantificada a evasão dos trabalhadores do setor de celulose-papel: os que desistem do emprego assim que surpreendidos pela precariedade do local e os que são demitidos por criarem “tumultos”.

<sup>22</sup> O vazamento de gás gerou “660 ligações da população para o Corpo de Bombeiros em três horas; 210 ligações para o (...) SAMU, sete atendimentos de pessoas adultas realizados nos postos de saúde e pronto socorro (...) e a suspensão das aulas” (PINTO; PRANDINI, 2009).

<sup>23</sup> Referimo-nos aos vagões da ALL, que transporta a mercadoria até o porto de Santos.

<sup>24</sup> É comum o uso de expressões como “florestas sustentáveis” e “fábricas ecológicas” por parte dos apologistas do monocultivo do eucalipto.

com possibilidade de arenização<sup>25</sup>, alteração da qualidade do ar e geração de ruídos<sup>26</sup>, maior uso de agrotóxicos, etc.).

Só no seio da ideologia o posto de “cidade das águas” pode ser harmonizado com o de “capital mundial da celulose”.

Do mundo da vida e dos efeitos que o metabolismo do capital engendra no *oikos*, passemos agora aos labirintos inaugurados pela nova territorialidade do mundo do trabalho.

### **Aceleração do capital e paralização trabalhista: impasses no mundo do trabalho da construção civil três-lagoense**

Fazendo um contraponto entre as implantações das empresas Fibria e Eldorado, podemos notar o sobressalto de algumas estratégias empresariais.

A Fibria, por exemplo, nos primeiros momentos de sua instalação, apostou em baixos salários e exploração da insatisfação dos trabalhadores ao máximo limite possível.

Com o avolumar das contradições e a explosão de paralisações e greves, posteriormente reorientou-se a praticas de acordões mediados por sindicatos ou por líderes oportunistas que disputavam holofotes com vistas a se regozijar das benesses do apaziguamento interclassista.

Na fase final da consecução do empreendimento, todavia, nem passou pela cabeça dos administradores da companhia desafiar a paciência dos trabalhadores da construção<sup>27</sup>. Ao contrário, os gestores empresariais permitiam até que reivindicações antigas fossem acolhidas (viagem a cada 60 dias para rever familiares, acréscimo salarial, aumento do preço da cesta básica, incorporação de horas *in itinere*<sup>28</sup>, etc.). Mesmo porque, entre a aprovação e a consecução dos direitos trabalhistas, era costumeiramente introjetada a burla da lei (negação ou adiamento no pagamento de salário<sup>29</sup>, horas *in itinere*<sup>30</sup>, etc.).

---

<sup>25</sup> Suertegaray é quem noticia que regiões com precipitações em torno de 1250-1300 mm favorecem o processo de arenização (IHU, 2010). Três Lagoas enquadra-se na média.

<sup>26</sup> Em dezembro de 2009 foi apresentado à população o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) do Projeto Eldorado e ao lado dos problemas constavam as promessas de monitoramento e mitigação (JORNAL ACONTECE EM TRÊS LAGOAS, 2/12/2009).

<sup>27</sup> Compõem o grosso do efetivo da construção civil pesada os chamados “ajudantes”; depois vem os “oficiais”: pedreiro, carpinteiro e montador. Disse-nos um representante sindical que o salário do “ajudante” era de pouco mais que R\$ 900,00 e o do “oficial”, mais insatisfeito, R\$ 1.177,00.

<sup>28</sup> O termo refere-se ao tempo gasto (ida e volta) no deslocamento do trabalhador, entre os locais de moradia e trabalho (na Eldorado a distância chega a 3,5 km).

<sup>29</sup> Terceirizadas pela Fibria, como a Transman, encerraram o contrato em situação de inadimplência com os contratados, com conviência do Sind. dos Trab. em Transp. Rdv. (STTRTLR) (MOREIRA, 29/9/2011). Teme-se, finalizada a Eldorado, que outras terceirizadas façam o mesmo.

<sup>30</sup> Representantes sindicais entrevistados declararam que a Eldorado anunciou prontamente a negativa ao pagamento das horas *in itinere*.

Nas negociações entre empresas e trabalhadores, via sindicatos, não é incomum que um direito seja garantido para outro ser olvidado. Caso das horas *in itinere*, garantidas pela Constituição e cujo repasse era vedado pela indústria<sup>31</sup>.

Curiosamente, é a vez de a Eldorado Brasil testar o poder organizativo e contestatório dos construtores. Comprova-o o fato de o nível salarial oferecido estar aquém do repassado pela Fibria. Poderíamos pensar na probabilidade de que, à medida que a obra avance e os trabalhadores se mobilizem, ganhos trabalhistas surjam na mesa de negociação, alastrando a falsa sensação de satisfação do trabalhador e a retardada atuação de seus líderes, sempre à jusante do processo, regulando no último instante a abertura da tampa do efervescente caldeirão político<sup>32</sup>. Mas a verdade é que, se existe tal tática, as da indiferença e truculência são os seus avós.

Outro nó da discórdia na edificação das empresas, particularmente da Fibria, atine à imensa quantidade de terceirizações, com uma intrincada fiação de empresas incumbida pela contratação, o que acaba endossando diferenciações salariais significativas entre o mesmo tipo de funcionário, chegando a uma cadeia de subcontratadas que ultrapassa a dezena, plantando enormes buracos na pista já estreita das leis trabalhistas.

O número de contestações, paralisações e greves foi tal que a computação torna-se dificultosa, mesmo porque podem elas de horas<sup>33</sup> perdurarem por meses a fio<sup>34</sup>.

Por vezes, o descontentamento gerava atitudes radicais, como queima dos alojamentos por parte de trabalhadores enfurecidos, malcontentes pelo sem-número de problemas (gritados, em uníssono e a seco, como desdobramento da falta d'água para o banho<sup>35</sup>, por dois dias seguidos para o banho).

Atônitos e bulidos pelo interesse conciliatório, líderes sindicais acusavam os eventos de serem orquestrados por trabalhadores despropositadamente desgostosos<sup>36</sup>, que ao invés de exporem os desprazeres aos representantes imediatos, tomavam a frente com agressividade, em

---

<sup>31</sup> Até porque as empresas sabem que a minoria dos trabalhadores acionará a Justiça.

<sup>32</sup> A propaganda é que a entrada em operação da Eldorado gerará entre 2-2,5 mil empregos diretos e 8-10 mil indiretos. Esfriado o discurso, a verdade é que outras indústrias geram mais empregos com custos econômico e ambiental inferiores.

<sup>33</sup> Há relatos de paralisação de dois dias de pelo menos três centenas de trabalhadores, avessos à truculência de policiais contratados para realizar a segurança, por esfregarem arma de fogo carregada em seus rostos; sem contar o toque de recolher instituído às 19h00min.

<sup>34</sup> São pelo menos seis as greves de que se tem notícia. A primeira foi deflagrada em janeiro/2011; a segunda compreendeu os meses de abril e maio; a terceira, agosto/2011; a quarta foi já em janeiro/2012; a quinta, em abril; e a sexta em junho de 2012.

<sup>35</sup> A Fibria e Eldorado, além da construírem alojamentos, alugam dezenas de prédios e centenas de casas na cidade, formando "repúblicas de trabalhadores". Já os funcionários da alta cúpula recebem moradias de boa qualidade, disponibilizadas em conjuntos residenciais.

<sup>36</sup> Alguns líderes sindicais filiam a prática àqueles desordeiros, que de tudo fazem para ser despedidos, amealhando rendimentos com a quebra do vínculo contratual pela empresa.

nada auxiliando na melhoria das condições de trabalho, moradia, alimentação, renda, etc., e que motivavam, como desdobramento, uma massiva demissão de funcionários<sup>37</sup>.

De sua parte, os “radicais” tachavam os líderes de cooptados, agentes empresariais dissimulados, que de tudo fazem para encobrir contrariedades, tomando a frente exclusivamente quando a insatisfação fosse impossível de ser silenciosamente dissipada. Para eles, os líderes estavam sempre a reboque, nunca na dianteira do processo de conquista, defesa e extensão dos direitos dos trabalhadores.

Nalguns momentos, a própria empresa lançou o alarde de depredação, ameaça de queima de abrigos e proibição por parte dos trabalhadores à livre circulação dos demais empregados. Eventos desmentidos pelos policiais e pelo juiz, que presenciaram um pacífico piquete no local. Momentos antes a Eldorado entrara com uma liminar na Justiça exigindo a retomada do trabalho, indeferida por haver sido notado um princípio legítimo ao desenlace de greve, pelas precariedades das situações de trabalho e moradia. Deflagrada a greve, coube ao Tribunal Regional do Trabalho julgar o dissídio coletivo. Entre os trabalhadores, um representante chegado há pouco apresentou aos presentes, com afincos, uma lista de requisições irretocáveis que, na verdade, nada mais era que a versão da empresa para a dissolução da contenda, repassada a este falso líder para falar em nome dos trabalhadores; o carisma, o malabarismo vocal e o teatro corporal foram suficientes para seduzir e ensurdecer o quadro de funcionários, incapacitados de ouvir os líderes sindicais oficiais, que defendiam uma proposta para mais positiva.

Se as contradições habitam o intestino da relação capital/trabalho, também povoam, estamos vendo, as organizações sindicais, mormente nas finanças<sup>38</sup>.

A realidade sindical assusta até no ninho, na gestação das entidades. Os episódios vão da tentativa de formação instantânea de sindicatos paralelos à criação de sindicatos novos, à surdina, por sujeitos que conduziam dezenas de trabalhadores, desavisados, no final do expediente, a recintos mantidos com as portas literalmente fechadas, para lá designar seus familiares para presidi-los – o sindicato seria da área química, de que se tem notícia, haja vista que o mesmo não teve respaldo legal para operar, inclusive por oposição dos presentes, que questionou a ação, a falta de estatuto e de membros para tomar posse.

Mal acabou de ser montado, um sindicato da área de trabalhadores dos transportes sofreu denúncias na Procuradoria Regional sobre a execução de uma comissão de conciliação prévia, formada por representantes das partes patronal e laboral. Ocorreu de a empresa haver convocado

---

<sup>37</sup> A terceirizada Parana, contratada pela Eldorado, demitiu mais de uma centena de pessoas em fevereiro de 2012, como provável retaliação à greve de janeiro (PRANDINI, 18/2/2012).

<sup>38</sup> É extenso e variado, por exemplo, o histórico de denúncias contra a Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário FETRICOM-MS (JORNAL DIA A DIA, 2010; REZENDE, 2010, p. 364 et seq.; SILVA, 2011, p. 101, 103-104).



os trabalhadores para se reunirem no sindicato com o fito de negociar um direito pendente (horas *in itinere*, no caso). Lá chegando, foi apresentada aos trabalhadores uma petição, cuja assinatura autorizava a abertura de negociação sobre todo e qualquer direito em nome do trabalhador, sem que o mesmo tomasse conhecimento real disso. A situação só não ficou mais grave aos trabalhadores por não ter sido requerida a presença de um advogado na reunião – havia o espaço reservado ao seu nome, mas a sua não assinatura anulava no documento. Foram feitas atas da reunião e as mesmas foram entregues aos presentes, que, delas munidos, acionaram a Justiça para receber os direitos sonegados. O caso se espalhou e a farsa foi descoberta, principalmente porque vários muitos dos presentes procuraram outros sindicatos da cidade, que os orientaram quanto às medidas jurídicas cabíveis junto à Procuradoria do Trabalho<sup>39</sup>.

Há, portanto, ao lado de um peleguismo subjacente, um evidente amadorismo sindical. Como há, noutro extremo, um complexo e sujo jogo de interesses latentes.

As páginas policiais também revelam atentados contra líderes sindicais, com o registro de marcas de tiros disparados de armas de fogo, de uso exclusivo do Exército, nos veículos que conduziam (SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO ABC, 23/10/2012).

Quer para suscitar visibilidade no município que desembarcavam, quer para inculpar sindicatários oponentes, quiçá ainda para divulgar o real ocorrido – haja vista que o caso não foi ainda solucionado pela perícia policial –, o episódio estampa as pegadas sulcadas pelo sindicalismo em chãos três-lagoense e sul-mato-grossense. Uma atmosfera que ameaça se esparramar, caso a morosidade e ingerência do Estado sirva de regra às forças colidentes.

A sombra da disputa cobre, coincidentemente, a multidão de trabalhadores sazonais que ocorre às empresas do município. São mais de dez mil na fase de construção e montagem e, em sua maioria, são eles peões de obra nordestinos que migram para ganhar a vida onde e quando acena o capital. Mas outro naipe de funcionários também aflui ao município, como os de médio e alto escalão, detentores de habilidades técnicas raras e que deslocam de outras unidades agroindustriais, doutros Estados da União (das regiões Sul e Sudeste, especialmente), não por pressão socioeconômica, senão para melhorar a já aprazível qualidade de vida familiar.

Ao município ocorre, portanto, uma migração bifurcada: de privilegiados e desprivados.

Não poderia, pelo fascinante quantum de operários, ser outro o motivo à atração de tantos pretendentes a líderes sindicais, que chegam famintos pelos recursos que respingam da

---

<sup>39</sup> Informações colhidas de um representante sindical em outubro de 2012 (as identidades, da pessoa e do sindicato, serão ocultadas).

representação, como pela visibilidade política que um dia possa servir de chave à porta da máquina estatal<sup>40</sup>.

Representam eles uma ameaça ao quadro sindical mais antigo, em termos político e econômico, por fracionar a base e o poder instituído, como a massa da contribuição e a sua repartição. Para os antigos, os novos não passam de “agitadores”, como presenciado na recente greve na Eldorado (JORNAL DO POVO, 4/8/2012).

Em seu tempo, a Fibria, por exemplo, atraiu cerca de 12 mil trabalhadores apenas para a constituição de sua unidade. Completada a obra, o quantum de trabalhadores caiu bruscamente, não ultrapassando o milhar, sendo que dois terços dos postos de emprego são (ou pelo menos, deveriam ser) dedicados a munícipes. Não só a Fibria, entretanto: pertence a esta realidade as indústrias que operam sob *processo contínuo*, com intensa mecanização e automação, com sobrelevação do capital constante ao variável<sup>41</sup>.

A precarização do processo de trabalho é a tônica do empreendimento. Comparada com a área rural, a planta fabril é a que menos emprega, não chegando a quatro centenas os protegidos pelo guarda-chuva do contrato formal, munidos de garantias e privilégios<sup>42</sup>. Na geografia extrafabril, a precarização, terceirização e subcontratação galopam soltas; em 2010, de um total de dois mil funcionários, não beirava o terço o montante de funcionários formais, responsável pelos preparos do solo, da muda e do plantio do maciço “florestal”, como pela aplicação de veneno e controle de insetos e pragas, manejando máquinas (tratores, colhedoras, etc.) e servindo nas áreas de segurança, alimentação e limpeza, por exemplo.

Dinamizada por padrões globais de produção e acumulação, encorpada pelas multinacionais da celulose de plantão, o arranjo político-trabalhista local segue a receita hegemônica da *eternização da temporaneidade*.

Os contratos efêmeros, de curto prazo, temporários e terceirizados, não obstante a formalidade contratual, ganham espaço nas unidades agroprocessadoras para reduzir encargos trabalhistas e esfacelar a consciência e identidade classistas.

Vazando o mundo da produção, a receita neoliberal igualmente tempera a atmosfera cultural, mormente a da educação. Não à toa, guindado à produção, o mundo da educação integrar o universo do capital, proliferando cursos no sistema Senai-Sesi para atender ao

---

<sup>40</sup> As informações levantadas permitiu-nos concluir que pelo menos um sindicalista almeja concorrer ao cargo de deputado. Para isso, usa a tática do deslocamento para onde existe ou possa ser insuflada uma greve, de modo a manter o nome e a face estampada nos jornais.

<sup>41</sup> No interior da empresa, desde a entrada da tora de madeira, sua transformada em material celulósico, etc., o processo é acompanhado, gerenciado e monitorado por pequenos grupos de trabalhadores especializados.

<sup>42</sup> São eles: (a) chefes e altos gestores, encarregados de laboratórios e da administração, migrantes definitivos com formação universitária e destacado nível salarial; (b) trabalhadores do chão da fábrica e do controle da produção, técnicos em sua maioria.

complexo fabril (CELULOSE ONLINE, 10/7/2012; PORTAL 3lagoas.com.br, 8/12/2010). Houve até visitação da alta cúpula empresarial às escolas do município, com o escopo de orientar os estudantes sobre as oportunidades futuras de emprego (ACONTECE EM TRÊS LAGOAS, 29/2/2008).

Voltemos a atenção novamente à metamorfose do complexo *mundo do trabalho*<sup>43</sup> do setor celulósico-papeleiro.

Retomemos a querela sindical.

Alguns podem delatar que a falta de organicidade política sindical tem razão de ser, haja vista a recenticidade do fenômeno industrial desovado pelo grande capital. O argumento, todavia, também no plano da temporalidade, não vai da reprodução de um vício teórico e pragmático. E tal decorre, dentre outros motivos, da superioridade quantitativa da empregabilidade que o setor de serviços exprime hegemonicamente há décadas, no Brasil e no mundo, à margem de uma mais séria atenção sindical sobre a organização concreta do mundo do trabalho. O que é o mesmo que dizer que o mundo da produção e o mundo do trabalho demudaram sem que o arco contemplativo, proposicional e impositivo da tática sindical fosse alterado a contento.

No local, como no nacional e mundial, o sindicato não abandonou exclusivamente o rol das táticas com a lógica da estratégia.

Eis porque o crescente da conflitualidade política intra e intersindical não só reflete o crescimento industrial e populacional do município. Espelha, no fundo, a batalha estadual entre duas das maiores frentes sindicais brasileiras: a Força Sindical (FS) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT)<sup>44</sup>.

Ao menos, do que se pode depreender, a fossa que aparta os sindicatos dos trabalhadores dos sindicatos patronais continua, aparentemente, a existir; sobretudo porque a existência dos primeiros depende da existência diferenciada dos segundos<sup>45</sup>.

A luta é ferrenha. Como noutras realidades, quiçá guarde algo da bússola ideológica (estratégia) de outrora<sup>46</sup> com um quê de *representatividade em-si* (polítiqueira, economicista, aclassista, organicista e fisiológica).

---

<sup>43</sup> A distinção entre mundos da produção e da educação foi exposta para efeito didático, pois, apesar de lidarem com a transmissão e desenvolvimento da cultura, os trabalhadores da educação não devem ser vistos como dissociados da classe trabalhadora total.

<sup>44</sup> A FS – cujo maior defeito, pela acusação dos próprios coligados, é a falta de formação política – se faz presente no município através do Sintricom e do Sintiespav, enquanto a CUT penetra na região via Sindimontagem, que retomaremos adiante.

<sup>45</sup> Numa das negociações, o Sintiespav (Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Construção Civil Pesada, Pavimentação e Obras de Terraplanagem) propunha 15% de reajuste e o patronal Sinicon (Sindicato Nacional da Indústria da Construção Civil Pesada), 6,5% (CONCEIÇÃO, 4/5/2012).

<sup>46</sup> Pela impossibilidade de traçar todo o panorama sindical do Estado de Mato Grosso do Sul acerca das indústrias da construção e montagem, expressamos as primeiras aproximações.

Pelo que pudemos vislumbrar, o fim não é nem o inegociável bem estar do trabalhador, nem a transformação radical do metabolismo socioambiental.

Há membros de sindicatos locais empenhados com a causa trabalhista, não negamos; afinal, nem todos gatos são pardos. O sentido e o formato da luta mudaram, porém, da raiz à ponta do mais fino galho da estrutura sindical.

Exemplifiquemos a situação tomando como exemplo a empresa terceirizada Manserv, afrontada em junho de 2012 pelos filiados ao Sintricom-MS (Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Construção Civil Leve<sup>47</sup>). Na pauta das reivindicações constava: reajuste salarial (de 12%, ao invés dos 6% oferecidos pela empresa), aumento do “cartão alimentação” (de R\$ 70,00 para R\$ 250,00, contra os R\$120,00 contra-argumentados<sup>48</sup>) e viagem para visitação de familiares (“folga de campo” a cada 60 e não 120 dias, como ocorria). A empresa, depois da contraproposta exarada e para sentir o calor da situação, cedeu aos trabalhadores, sobretudo porque sabedora que o início e o meio da jornada compensavam a manobra *final* (em nada maculada por perdas). A greve, segundo a agroindústria, nem gerou transtorno, vez que a Paralisação Geral de 10 dias constava como uma exigência anual às empresas do setor, em conformidade com a Norma Regulamentadora 13, relativa à inspeção de caldeiras e vasos de pressão, para segurança humana e ambiental (PRADINI, 26/6/2012).

Uma breve reconstituição histórica comprova que os dois sindicatos atuantes em Três Lagoas possuíam desavenças notórias. Mas não só eles; nem só por eles. O conflito era a extensão do choque CUT x FS; encarnavam a animosidade o Sintricom e o Sindimontagem-MS (Sindicato de Montagem e Manutenção Industrial de Três Lagoas) (MENDES, 14/6/2012)<sup>49</sup>.

Atualmente, uma ação movida na Justiça pelo Sintricom e Sintiespav conseguiu uma liminar para paralisar a atuação do Sindimontagem, pelo menos até a audiência marcada para janeiro de 2013 (FRONHO, 16/10/2012). Os únicos sindicatos, representantes legais da categoria, são então os dois citados, responsáveis pela negociação salarial e pelo recolhimento do imposto sindical<sup>50</sup>.

A fragmentação infinita do processo de trabalho, a transmutação jurídica e ideológica do trabalhismo e as metamorfoses na seara da organização e representação dos trabalhadores, deram

---

<sup>47</sup> Também chamado: Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Construção Civil, Mobiliária, Montagem e Cerâmica.

<sup>48</sup> O vale ou “cartão alimentação” não deve ser confundido com a cesta básica, pois o benefício é usufruído em dinheiro e, às vezes, o funcionário o entrega diretamente à família, quando não o utiliza para o lazer pessoal, nas chamadas “casas das primas”.

<sup>49</sup> O Sindimontagem não possui a carta sindical e, por isso, não é legalizado junto ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), travando a assinatura de acordos com as empresas.

<sup>50</sup> O Sindimontagem declara que o Sintricom cobra 1,5% de imposto da categoria e não apenas de associados (FRONHO, 16/10/2012) e que arrecadou R\$ 500 mil em dois anos, sem jamais, em 25 anos no poder, fazer uma prestação pública das contas (FETRICOM, s/d.).

a benção ao estilhaçamento operacional brandido pelas “empresas-mãe” (Fibria e Eldorado), que continuaram a estender a terceirização das etapas do processo de construção e montagem, retransmitindo tarefas, obrigações e responsabilidades.

O fracionamento operativo e a unicidade gestora da empresa-mãe são inversamente proporcionais à quadratura sindical<sup>51</sup>, despreparada no quesito métrico-quantitativo e político-qualitativo: primeiro porque inexistente preocupação com a formação política de quadros<sup>52</sup> e depois porque, se quisessem fortalecer a filiação e promover reuniões da classe laboral, os sindicatos teriam que reservar, provavelmente, o estádio de futebol municipal, vez que a empresa lhe nega constantemente a entrada na propriedade.

Além destes problemas, existem outros, como a rixa intersindical, que entorpeceu por algum tempo a relação entre Sintricom e Sintiespav<sup>53</sup>.

Na atualidade, é o Sintricom que enfrenta problemas com a Justiça<sup>54</sup> e seus representantes alegam que uma eventual falta de documentos pode estar associada à invasão ocorrida nas instalações do sindicato, registrada devidamente num Boletim de Ocorrência (B.O.), encampada por sujeitos interessados em materiais arquivados.

Contornadas as desavenças, a atuação conjunta dos retrocitados reverberou em denúncias sobre o estado da relação capital/trabalho na Eldorado Brasil, problemas estes que começavam no agenciamento, com cobranças irregulares de taxas durante a viagem pelos agenciadores (alimentação, etc.); além de maus tratos na empresa por parte dos funcionários encarregados; sem contar os abusos de policiais aliciados como seguranças em horas vagas<sup>55</sup>, a aterrorizar os trabalhadores com suas armas de fogo; além de episódios de burla ou dificultamento do registro de pontos nos sábados e até domingos, sendo comuns as práticas da negligência e sonegação das horas extras; negação de reembolso dos gastos dos trabalhadores, efetuados quer em viagens intermitentes à visita de familiares, quer no desligamento definitivo com a contratante; diminuição ou proibição de folga de campo, e, quando consentida, negativa de pagamento ou, então, parcelamento do reembolso sem informe ao interessado; deslocamento a pé aos locais de trabalho, sem remuneração das horas *in itinere* (que oscilavam entre 1h30min e 2h00/dia), com

---

<sup>51</sup> Há relatos de terceirizadas que não cumpriram com o prazo de serviço estipulado pela empresa-mãe, tendo o repasse de dinheiro cortado, da noite para o dia; abandonando os trabalhadores, sem o ressarcimento pelo trabalho prestado.

<sup>52</sup> Se os sindicatos possuem estudiosos advogados trabalhistas, faltam-lhes os sindicais ou, minimamente, oferecimento de cursos por parte de profissionais preparados.

<sup>53</sup> Pelas informações levantadas, coincidência ou não, a pendenga finda com a combinação das atividades e dos dividendos entre as entidades.

<sup>54</sup> Em junho de 2012 foi formada uma Junta Governativa Interina para averiguar, num prazo de 150 dias, possíveis fraudes e irregularidades no Sintricom, que podem chegar a R\$ 500 mil, conforme a Procuradora do Trabalho (PRANDINI, 17/7/2012).

<sup>55</sup> Foram feitas denúncias da contratação de policiais, da Rotai em especial, para realizar segurança na empresa Gotardo, ligada à Fibria, e que o seu transporte se dava em viaturas oficiais, conduzidas pelos colegas de plantão.

redução do tempo de refeição e dilatamento da jornada de trabalho (alcançando até 17 horas/dia); inexistência de meio de condução de adoecidos a postos de saúde; prisão pela Polícia Militar e pela Rotai de contestadores, que principiavam as paralizações pelo descontento com o péssimo estado da alimentação; utilização de funcionários em tarefas indevidas e não registradas; volumosa dispensa de trabalhadores assim que atingida a fase de experiência; falta de espaço e higiene nos alojamentos espalhados pelo município<sup>56</sup> e arredores<sup>57</sup> (PERPETUA, 2012, p. 205, 210-211; SEVERO, 3/4/2012).

As *paralisações*, então, representavam a confrontação impelida pelos trabalhadores à desumana *aceleração* materializada pelo processo de ativação do grande capital industrial e financeiro em Três Lagoas.

Não satisfeitos com o descaso, por várias vezes os representantes empresariais recusaram a sentar-se à mesa de discussão com os emissários da classe trabalhadora, tentando minar suas energias<sup>58</sup>. Situação modificada apenas quando o MTE era quem instituía a convocação.

Em não poucas ocasiões os sindicatos combateram mais os representados do que as práticas aviltantes das companhias, discursando sobre o típico e atípico, legal e ilegal das greves<sup>59</sup>, conquanto a intimidação de trabalhadores, vimos, ultrapassasse os limites das armas da política.

Míope aos trechos a todo dia dinamitado pelo capital, vários líderes pelegos pintavam quadros no horizonte sobre potenciais pradarias aclassistas, uma gravura ideológica na qual ninguém estaria acima de ninguém.

O burocratismo, acostumado com o comando a partir de salas aclimatizadas, aparta-se do mundo do trabalho real, sacudido dia e noite pelos abalos sísmicos provocados pelos antagonismos irreconciliáveis do capital.

Na comodidade está o maior perigo, no entanto. Se não conseguir sentir o mundo de repulsa que pulsa lá fora, os sindicatos locais continuarão a encorpar a péssima imagem que nutrem: de coletores de moedas e grilos mudos (pois nem nos locais de trabalho aparecem para “falar”). Ou atrairão o interesse doutros líderes, mais comprometidos com as causas trabalhistas.

É necessária a reestruturação, não só sindical, como das organizações dos trabalhadores em geral.

---

<sup>56</sup> Este problema atormentou também os trabalhadores da Fibria. A lotação e precarização dos alojamentos, com disponibilização de alimento e água em péssimos estados, exigiram a intervenção do MPT em 2008, com fechamento de pelo menos cinco estabelecimentos na cidade.

<sup>57</sup> Além do Fazendinha, que atendeu a 2 mil pessoas, a Eldorado construiu um abrigo para 700 pessoas em Selvíria. Estima-se que a maior parte da mão de obra reside em “repúblicas” na cidade. Há o registro de uma casa alugada para abrigar 100 pessoas, com apenas 2 banheiros.

<sup>58</sup> Nalguns casos, as empresas ordenavam o corte no fornecimento de água nos alojamentos.

<sup>59</sup> Sabemos que, no caso de um dissídio coletivo, para não ser considerada ilegal, há todo um trâmite a ser seguido, com diálogos, negociações, assembleias, etc. Sinalizamos, no entanto, que o legalismo não pode se tornar uma gaiola para quem é a maior presa do capital.

O esquematismo fordista-taylorista é a todo instante contraditado pelo movimento aparentemente caótico e sem sentido da pantanosa fluidez toyotista.

Passado o momento de espanto e perplexidade, compreensível pela celeridade e agressividade da reestruturação capitalista em marcha, torna-se imprescindível a reestruturação da classe trabalhadora.

E, como o nosso tempo-espço (re)ensina: deve ser recuperado o tradicional sentido da luta de classe (para si), no coração e mente dos trabalhadores do século XXI.

### **Últimas considerações**

O mundo do trabalho, como o da vida, a sociedade e o ambiente, tem sido bruscamente modificado em Três Lagoas.

Falta aos trabalhadores a percepção plena do processo.

Dificulta-a a sua condição de andorinha. Sem galho a que se apegar, flutuam ao (dis)sabor do capital.

Em que pese a falta de organicidade sindical, portam a chama da contestação, acendida sempre que o lócus onde se encontram fornecem os gravetos da comparação e o calor do fogo da indignação.

Com os sindicatos a reboque, por vezes a deriva, os trabalhadores, provenientes de lugares os mais afastados, constroem, olhando-se no espelho da comparação e sentando todos na mesa mesma da exploração, um sentido de vida que nega a essência crematística do metabolismo capitalista.

O controle impõe-se a todo custo. Os projetos de ludibriação correm soltos. Tanto a Fibria quanto a Eldorado investiram em shows e na espetacularização da alienação. Da rusticidade inebriante da Mulher Melancia, que acionou o gingado glúteo para fazer os trabalhadores trocarem o tempo de visitação à família pelo trabalho na empresa, em fins de 2011 (SEVERO, 3/4/2012), à música do tenor italiano Aldrea Bocelli, seguido pela filarmônica de São Paulo, quando da inauguração da Eldorado Brasil, em 12 de dezembro de 2012, para uma nata da sociedade (DOURANEWS, 12/12/2012).

Ao oposto da ideologia que abraça – para sufocar – a sociedade local, os trabalhadores da construção e montagem de indústrias não se deixam fascinar, todos e de vez, pelos cantos de sereia do capital. Eles, mais do que quaisquer outros, conhecem, empiricamente, as engrenagens intramuros.

Para a maioria, só muda a empresa. Segue a sina da exploração.

“Anteontem”, demitiu a Fibria. “Ontem”, a Eldorado<sup>60</sup>. Amanhã, de outras mais será a vez<sup>61</sup>.

Não os ilude o branco da mercadoria celulósica.

Conseguem já entrever o significado e a direção da metamorfose em curso.

Caso decresçam as políticas socioeconômicas compensatórias em âmbitos nacional e municipal e, paradoxalmente, seja a luta pela terra reacendida, há perigo de o molde nazifascistoide, infligido a camponeses e índios doutras porções do Estado, subcontratados pelas agroindústrias da cana e para monumentalizar a força socioterritorial da ultradireita no Brasil, ser justaposto à realidade regional de Três Lagoas, imitando a violência e a criminalidade em favor do grande capital.

Tem sido cada vez mais característico ao metabolismo capitalista brasileiro, não obstante o discurso neodesenvolvimentista propalado aos quatro ventos, a combinação contraditória de engendramento de riqueza e extensificação da barbárie, como a correlata restrição da combatividade às paredes cada vez mais apertadas da legalidade, partindo da ideia de que paralisações e greves têm de ser realizadas unicamente em épocas próximas à data-base do trabalhador.

Destarte, aquela restrição política e econômica vivenciada pelos trabalhadores doutros setores e realidades ante o suprapoder do capital (THOMAZ JR., 1998) reproduz-se na região de Três Lagoas, ora regida pelo setor de celulose-papel, ratificando, semelhantemente, que ao adelgaçamento da raia de operação do trabalhador (preso à data-base) corresponde, de modo inversamente proporcional, a dilatação operativa do capital (no tempo e no espaço).

O espaço fluído do capital é mais e mais enlameado para o trabalhador. Vários dirigentes sindicais deixaram de lutar para alargar o horizonte dos direitos, movendo-se exclusivamente por dentro do *status quo* oficiado.

São adelgados os espaços e os tempos das lutas, justamente para trabalhadores contratados por curto tempo – como os da construção civil que, não custa lembrar, são congregados para a lide de poucos anos, seja em Três Lagoas, nas hidrelétricas ou nos teatros do futebol que rasgam os solos do país...

Desconfiamos, igualmente, que a média salarial auferida localmente seja muito maior que a nacional, não só pelo custo de vida encarecido, senão pelo fato de as indústrias se alocarem em

---

<sup>60</sup> Calcula-se que 9 mil trabalhadores foram “cortados” em novembro de 2012; restaram ainda 4 mil, pelo menos até março de 2012. Depois desta data, imagina-se que não chegará a 600 os que operarão internamente à fábrica.

<sup>61</sup> A Sitrel ocupará 5 mil pessoas e, a UFN III, 7 mil. Na UFN III, que dista 25 km do centro de Três Lagoas, será construído um bairro, com cinema, restaurante, lavanderia e outras benfeitorias (transporte urbano); num primeiro contato, a prefeitura negou-se a construir escolas no local.



municípios caracterizados por recursos naturais e humanos abundantes e baratos que compensam sobremaneira os custos, maiores, habitualmente, no final da obra.

Passam os séculos, remodelam-se os espaços, reinventam-se as técnicas e os simulacros, permanece, entretanto, o caráter doloroso da essência da modernização capitalista, ordinariamente conservadora e barbárica.

## Referências

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. Territorialização do complexo eucalipto-celulose-papel em Mato Grosso do Sul. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. In. **Anais...** Uberlândia: UFU, p. 1-19, 2012.

A LÓGICA da economia do eucalipto. Entrevista especial com Dirce Suertegaray. **Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, 3 de dez. 2010 (disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/38686-a-logica-da-economia-do-eucalipto-entrevista-especial-com-dirce-suertegaray>).

ARAGÃO, Marianna. Ex-capital do gado, Três Lagoas (MS) vira rainha da celulose. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 16 de set. 2012 (disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1154109-ex-capital-do-gado-tres-lagoas-ms-vira-rainha-da-celulose.shtml>).

AUDIÊNCIA pública sobre nova fábrica de celulose em Três Lagoas neste dia 3. **Jornal Acontece em Três Lagoas**. Três Lagoas, 2 de dez. 2009.

COM Andrea Bocelli, Três Lagoas inaugura maior fábrica de celulose. **Douranews**. Dourados, 12 de dez. 2012 (disponível em: <http://www.douranews.com.br/empresas/item/55439-com-andrea-bocelli-tr%C3%AAs-lagoas-inaugura-maior-f%C3%A1brica-de-celulose>).

CONCEIÇÃO, Edmir. Polo industrial de MS, município caminha para ser capital mundial da celulose. **Perfil News**. Três Lagoas, 31 de maio 2012 (disponível em: <http://www.perfilnews.com.br/especiais/tres-lagoas-97-anos/desenvolvimento/tres-lagoas-tem-344-industrias-que-empregam-10-da-populacao>).

\_\_\_\_\_. Operários da construção civil pesada de Três Lagoas querem 15% de reajuste salarial. **Perfil News**. Três lagoas, 4 de maio 2012 (disponível em: <http://www.perfilnews.com.br/tres-lagoas/trabalhadores-da-construcao-civil-pesada-querem-15-de-aumento>).

DIRIGENTE da Fetricom/MS e Conticom/CUT sofre atentado em Três Lagoas. **Sindicato dos Metalúrgicos do ABC**, 23 de out. 2012 (disponível em: [http://www.smabc.org.br/smabc/blog.asp?id\\_CON=30500&id\\_SUB=87](http://www.smabc.org.br/smabc/blog.asp?id_CON=30500&id_SUB=87)).

DIRIGENTES sindicais são presos por corrupção e formação de quadrilha. **Jornal Dia a Dia**, 2010 (disponível em: <http://www.jornaldiadia.com.br/index.php/links-web10netbr/53-faqs/apreensoes-e-fiscalizacao/36980-dirigentes-sindicais-sao-presos-por-extorsao-e-formacao-de-quadrilha>).

FERREIRA, Marta. Líder do PIB em MS, Campo Grande teve crescimento de 82% em 6 anos. **Campo Grande News**. Campo Grande, 14 de dez. 2011 (disponível em: <http://www.campograndenews.com.br/economia/lider-do-pib-em-ms-campo-grande-teve-crescimento-de-82-em-6-anos>).

FIBRIA e Senai capacitam jovens em Três Lagoas (MS). **Celulose Online**, 10 de jul. 2012 (disponível em: <http://www.celuloseonline.com.br/noticias/Fibria+e+Senai+capacitam+jovens+em+Trs+Lagoas+MS>).

FRONHO, Jean. Sindimontagem tem as atividades suspensas. **Jornal Hoje MS**. Três Lagoas, 16 de out. 2012 (disponível em: <http://www.hojems.com.br/hojems/0,0,00,8377-136644-SINDMONTAGEM+TEM+AS+ATIVIDADES+SUSPENSAS.htm>).

GIMENES, Daniel. Cavalcada agitou o sábado em Três Lagoas. **Jornal do Povo**. Três Lagoas, 8 de dez. 2012 (disponível em: [http://www.jptl.com.br/?pag=ver\\_noticia&id=54020](http://www.jptl.com.br/?pag=ver_noticia&id=54020)).

KUDLAVICZ, Mieceslau. **Dinâmica agrária e a territorialização do complexo celulose-papel na microrregião de Três Lagoas/MS**. Três Lagoas: UFMS, 2011 (Dissertação, Mestrado em Geografia Humana).

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MARCONDES, Carolina. ESPECIAL – Polo de celulose, Três Lagoas tem infraestrutura fraca. **Reuters Brasil**, 23 de jun. 2010 (disponível em: <http://br.reuters.com/article/businessNews/idBRSPE65M0XM20100623>).

MENDES, Gisele. Guerra de sindicatos suspende eleição. **Jornal do Povo**. Três Lagoas, 14 de jun. 2012 (disponível em: [http://www.jptl.com.br/?pag=ver\\_noticia&id=50068](http://www.jptl.com.br/?pag=ver_noticia&id=50068)).

MOREIRA, Érika. Contrato acaba e transportadora terceirizada pela Fibria, em Três Lagoas, some sem pagar os funcionários. **Midiamaxnews**. Campo Grande, 29 de set. 2011 (disponível em: <http://www.midiamax.com.br/impresao.php?id=770691>).

NAVARRO, Luciana. Três Lagoas pode sediar a maior feira de florestas do Brasil. **Acontece MS**. Três Lagoas, 1 de set. 2011 (disponível em: <http://acontecems.com.br/noticias/?id=4498>).

PERPETUA, Guilherme Marini. A força de trabalho em movimento e o seu espaço no deserto verde. In \_\_\_\_\_. **A mobilidade espacial do capital e da força de trabalho na produção de celulose na produção de celulose e papel: um estudo a partir de Três Lagoas (MS)**. Dourados: UFGD, 2012, p. 178-228.

\_\_\_\_\_. THOMAZ JR, Antonio. A indução planejada da indústria – reflexões iniciais sobre a formação do complexo celulose-papel em Três Lagoas (MS). **Revista Eletrônica AGB/TL**. Três Lagoas: UFMS, n. 15, ano 8, p. 30-62, maio 2012.

PINTO, Denílson; PRANDINI, Renata. Fibria confirma multa ambiental por acidente. **Jornal do Povo**. Três Lagoas/MS, 26 de nov. 2009 (disponível em: [http://www.jptl.com.br/?pag=ver\\_noticia&id=15986](http://www.jptl.com.br/?pag=ver_noticia&id=15986)).

PRANDINI, Renata. Terceirizados da Fibria cruzam os braços. **Jornal do Povo**. Três Lagoas, 26 de jun. 2012 (disponível em: [http://www.jptl.com.br/?pag=ver\\_noticia&id=50291](http://www.jptl.com.br/?pag=ver_noticia&id=50291)).

\_\_\_\_\_. Junta Governativa assume controle do Sintricom. **Jornal do Povo**. Três Lagoas, 17 de jul. 2012 (disponível em: [http://www.jptl.com.br/?pag=ver\\_noticia&id=50769](http://www.jptl.com.br/?pag=ver_noticia&id=50769)).

\_\_\_\_\_. Terceirizada da Eldorado demite 300 trabalhadores. **Jornal do Povo**. Três Lagoas, 18 de fev. 2012 (disponível em: [http://www.jptl.com.br/?pag=ver\\_noticia&id=47052](http://www.jptl.com.br/?pag=ver_noticia&id=47052)).

REZENDE, Simone Beatriz Assis. Ação civil pública com pedido de antecipação dos efeitos da tutela jurisdicional: liberdade sindical. **Revista do Ministério Público do Trabalho do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, n° 4, p. 361-399, 2010 (disponível em: <http://www.prt24.mpt.gov.br/site/includes/docs/comunicacao/revista/revista004.pdf>).

SANTOS, Thiago Rocco dos; RIBEIRO, Júlio César. A condominização do território: muros e grades em chãos treslagoense. 1º Seminário Dinâmica Econômica e Desenvolvimento Regional. In: **Anais...** Uberaba: UFTM, p. 1-19, dez. 2012.

SESI de Três Lagoas participa do SIPATMA da Fibria. **Portal 3lagoas.com.br**. Três Lagoas, 8 de dez. 2010 (disponível em: <http://www.3lagoas.com.br/noticias/tres-lagoas/sesi-de-tres-lagoas-participa-da-sipatma-da-fibria>).

SEVERO, Leonardo Wexell. Crimes sem castigo na construção da “maior fábrica de celulose do mundo” em Três Lagoas. **CUT Brasil**. São Paulo, 3 de abr. 2012 (disponível em: <http://cut.org.br/destaques/21930/crimes-sem-castigo-na-construcao-da-maior-fabrica-de-celulose-do-mundo-em-tres-lagoas-ms>).

SILVA, Eronildo Barbosa da. O **movimento sindical de Mato Grosso do Sul e a qualificação profissional do PLANFOR**. Campo Grande: UFMS, 2011 (Tese de Doutorado).

SINDICATOS culpam “agitadores” por greves na Eldorado. **Jornal do Povo**. Três Lagoas, 4 de ago. 2012 (disponível em: [http://www.jptl.com.br/?pag=ver\\_noticia&id=51259](http://www.jptl.com.br/?pag=ver_noticia&id=51259)).

SPOTORNO, Karla. Três Lagoas: capital mundial da celulose. **Época Negócios**, 4 de out. 2010 (disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI177058-16642,00-TRES+LAGOAS+CAPITAL+MUNDIAL+DA+CELULOSE.html>).

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. “Leitura geográfica” e gestão política na sociedade de classes. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre: AGB, n° 24, p. 31-42, 1998.

TRABALHADORES da maior fábrica de celulose do mundo cruzam os braços e pedem por democracia e direitos trabalhistas. **FETRICOM MS**, s/d. (disponível em: [http://www.fetricomms.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=..](http://www.fetricomms.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=..)).

TRÊS LAGOAS recebe visita do presidente mundial da IP. **Portal 3lagoas.com.br**. Três Lagoas, 29 de fev. 2008 (disponível em: <http://www.3lagoas.com.br/noticias/tres-lagoas/tres-lagoas-recebe-visita-do-presidente-mundial-da-ip>).

VIABILIDADE para o primeiro Porto Seco em Três Lagoas. **Três Lagoas Já**. Três Lagoas, 13 de dez. 2012 (disponível em: <http://treslagoasja.com.br/?act=new&id=12121420122349>).